

# Do tempo à condição: contributos para o estudo das construções com o conector *desde que* em PE

Ana Cristina Macário Lopes

acmacariol@gmail.com

*Universidade de Coimbra, CELGA (Portugal)*

RESUMO. Neste artigo, proponho-me analisar, num primeiro momento, as propriedades sintáticas e semânticas das construções com ‘desde que’, no Português europeu contemporâneo. Trata-se de um conector polifuncional, que introduz frases subordinadas adverbiais temporais e condicionais, sendo ainda possível distinguir, nestas últimas, duas sub-classes, em função do tipo de entidades semânticas que a sua interpretação convoca e do grau de integração da subordinada na frase matriz. A maior parte dos dados que sustentam a análise foram recolhidos num corpus da imprensa escrita disponível on-line, CETEM-Público (<http://acdc.linguateca.pt>). Num segundo momento, e tendo em vista um tratamento integrado deste caso de polissemia intracategorial, assumo como básico o significado temporal e defendo que a extensão semântica sofrida pelo conector pode ser explicada em termos de convencionalização de uma implicatura conversacional. Convoco dados de fases pretéritas da língua, recolhidos em Fiéis & Lobo (2007), para fundamentar a minha hipótese.

PALAVRAS-CHAVE. Conector polifuncional, subordinação adverbial, inferência pragmática, extensão/mudança semântica.

ABSTRACT. In the first part of this paper, I analyse the syntactic and semantic properties of the constructions that involve the connective ‘desde que’ in contemporary European Portuguese. This synchronic polyfunctional connective introduces subordinate temporal and conditional clauses. It is possible to distinguish two sub-types of conditional clauses introduced by ‘desde que’, in accordance with the semantic entity type involved in its interpretation and taking into consideration the degree of integration of the subordinate in the matrix clause. The study is dominantly based on a newspaper corpus available on-line, CETEMPúblico (<http://acdc.linguateca.pt>). In the second part of the paper, and aiming to provide an integrated account of this intracategorial polysemy case, I assume the temporal reading of the connective as its basic meaning, and I argue that the process of semantic extension may be explained in terms of the conventionalizing of a conversational implicature. I support my claim on historical empirical data, collected by Fiéis & Lobo (2007).

KEY-WORDS: polyfunctional connective, adverbial subordination, pragmatic inference, semantic change/extension.

## Introdução<sup>1</sup>

Este trabalho dá continuidade a um projecto de investigação que tem vindo a ser desenvolvido sobre expressões de natureza adverbial e preposicional do Português Europeu Contemporâneo (doravante, PEC) que revelam um comportamento polifuncional no discurso. Neste trabalho, restringirei a análise da polifuncionalidade ao conjunto de valores que *desde que* exhibe, enquanto conector, no PEC, em função dos seus contextos de ocorrência. Centrar-me-ei, pois, na polissemia intracategorial de *desde que*, deixando de lado as ocorrências de *desde* em sintagmas preposicionais com valor espacial e temporal.

Assumo como ponto de partida que as categorias linguísticas não são discretas, antes exibem uma estrutura interna heterogénea, em que é possível distinguir um núcleo ou centro prototípico e posteriores derivações ou extensões semânticas, com zonas de sobreposição que configuram um “continuum”, como tem sido recorrentemente sublinhado no âmbito da Linguística cognitivo-funcional. Por outro lado, assumo também que diferentes leituras dos conectores têm um correlato ao nível dos seus contextos de ocorrência, ou seja, considero que há restrições sintáctico-semânticas que funcionam como meio de diagnóstico útil para identificar distintos valores de um conector. Por fim, assumo que a extensão semântica pode ser perspectivada como o resultado de convencionalização de inferências de natureza pragmática, fortemente dependentes do contexto linguístico, na esteira, entre outros, de Traugott & König (1991) e Traugott & Dasher (2008).

A estrutura deste trabalho é a seguinte: num primeiro momento, caracterizarei o comportamento sintáctico e os valores semânticos (temporais e condicionais) que as frases introduzidas por *desde*

---

<sup>1</sup> Agradeço vivamente as sugestões e os comentários críticos que foram feitos à primeira versão do meu artigo pela comissão científica desta revista.

*que* assumem em sincronia, baseado-me em dados recolhidos no CETEMPúblico e, pontualmente, também em exemplos construídos por mim<sup>2</sup>; num segundo momento, apresentarei uma hipótese de explicação integrada do funcionamento deste conector, recorrendo a dados diacrónicos facultados por Lobo & Fiéis (2007).

## 1 – Valor temporal

*Desde que* pode sinalizar um nexos semântico interproposicional de natureza temporal no PEC. Veja-se o exemplo (1):

(1) “A guerra parou *desde que* a Unita anunciou o cessar-fogo unilateral (...)”

O conector introduz um adjunto adverbial temporal de natureza frásica, que sintacticamente manifesta as propriedades típicas das orações subordinadas adverbiais de predicado (‘centrais’ ou ‘internas’, noutras terminologias). Assim, admite clivagem (1 a), pode ocorrer no escopo da negação de foco (“focusing negation”) (1b) e de advérbios focalizadores como *só* (1 c)<sup>3</sup>, e pode ainda ocorrer em interrogativas alternativas (1d)<sup>4</sup>:

(1 a) Foi *desde que* a Unita declarou o cessar-fogo que a guerra parou.

(1 b) A guerra não parou *desde que* a Unita anunciou o cessar-fogo unilateral (parou *desde que* a Unita e o MPLA assinaram um acordo de paz).

(1 c) A guerra só parou *desde que* a Unita anunciou o cessar-fogo unilateral.

---

<sup>2</sup> Os exemplos do corpus aparecem sempre entre aspas, ao contrário do que acontece com os que são construídos.

<sup>3</sup> Os advérbios focalizadores que habitualmente se utilizam nestes testes são aqueles que Costa (2008:66) inclui na classe dos focalizadores com carácter exaustivo, que “implicam que o constituinte que sobre o qual se aplicam seja o único para o qual a asserção é verdadeira.”

<sup>4</sup> Estes testes são os testes habitualmente usados em sintaxe para a identificação de subordinadas adverbiais integradas. Cf., entre outros, Lobo (2003).

(1 d) A guerra parou *desde que* a Unita anunciou o cessar-fogo unilateral ou *desde que* a Unita e o MPLA assinaram um acordo de paz ?

Quanto ao teste que envolve a resposta a uma interrogativa-Q, habitualmente inserido nesta bateria de testes, a sua aplicação exige preferencialmente a ocorrência, na pergunta, do constituinte interrogativo *desde quando*. Confrontem-se os pares pergunta-resposta que se seguem:

(1e) P\_ Desde quando é que a guerra parou?

R\_ *Desde que* a Unita declarou o cessar-fogo unilateral.

(1 e') P\_ Quando é que a guerra parou?

?? R\_ *Desde que* a Unita declarou o cessar-fogo unilateral.

Em Peres & Mascarenhas (2006) defende-se que a anáfora frásica é um teste relevante para a identificação das subordinadas adverbiais, distinguindo-as das subordinadas completivas e relativas. E, de facto, este teste aplica-se às construções em apreço, como se verifica em (1f):

(1f) A guerra parou *desde que* ISSO foi decidido pelas superpotências.

Como foi já assinalado por Mória (1995), os adjuntos adverbiais introduzidos por *desde* definem a fronteira inicial do intervalo de tempo em que se situa a situação descrita numa proposição, no caso que nos interessa, a situação descrita na frase subordinante. Ainda de acordo com o mesmo autor, adjuntos adverbiais introduzidos por *desde* são compatíveis com descrições de estados e actividades, sendo tipicamente incompatíveis com descrições de *achievements* e *accomplishments*, excepto quando se verifica uma quantificação sobre eventos ou se representa um evento pontual que dá origem a um estado resultante.<sup>5</sup> Os dados do corpus confirmam as compatibilidades mencionadas, como a seguir se atesta:

---

<sup>5</sup> Utiliza-se a clássica tipologia de valores de *aktionsart* de Vendler (1967). Note-se que Mória (1995) apenas analisa adjuntos adverbiais não frásicos introduzidos por *desde*. Neste trabalho, alarga-se a análise das compatibilidades aspectuais a adjuntos adverbiais frásicos introduzidos por *desde que*.

(2) “(...) desde que tomou posse *tem sido alvo de múltiplas pressões.*”

(3) “Na Noruega, *onde se debate a nível nacional a violência na televisão* desde que uma menina de cinco anos foi espancada até à morte por três companheiros, a idade mínima para ver o filme passou de 15 para 18 anos.”

(4) “*Luís Silva (...)* já reprovou dois anos desde que se iniciou no profissionalismo (...).”

(5) “*O ex-líder do PS/Porto eclipsou-se (...)* desde que foi eleito para o Parlamento Europeu.”

Centremo-nos nas frases em itálico destes exemplos: em (2), descreve-se um estado e em (3) uma actividade; (4) envolve uma quantificação sobre *achievements* e em (5) representa-se um evento pontual que dá origem a um estado resultante.

Tipicamente, o intervalo de tempo construído pela subordinada temporal introduzida por *desde que* inicia-se num momento anterior ao momento da enunciação e, na ausência de informação explícita acerca da sua fronteira final (informação essa que em português é sinalizada pela preposição *até*, seguida de complemento frásico ou nominal), prolonga-se até ao momento da enunciação<sup>6</sup>. É neste intervalo alargado que se localiza a situação descrita na subordinante. A subordinada temporal especifica, pois, o ponto inicial a partir do qual se pode determinar a duração da situação expressa na subordinante.

As subordinadas introduzidas por *desde que* são sempre interpretadas como descrições de *achievements*, eventos pontuais, mesmo quando os predicadores que nelas ocorrem são basicamente estativos ou denotam actividades e *accomplishments*. O que importa realçar é o facto de esses eventos pontuais, em construções deste tipo, serem interpretados como início do estado (6) ou da actividade (7), ou ainda como culminação do *accomplishment* (8), à qual se segue um estado consequente:

---

<sup>6</sup> Note-se que a ocorrência de uma forma verbal no Presente na subordinada não invalida esta afirmação, como se verá mais adiante.

(6) “Desde que há quatro canais de televisão, custa muito convencer alguém a ir à rádio.”

(7) “Pelo menos 25 pessoas morreram desde que há cinco dias uma vaga de frio varre (...) o distrito de Puno.”

(8) “Já lá vão 22 anos desde que Zeca Afonso gravou uma das suas canções mais conhecidas (...).”

Assim, verifica-se uma relação de adjacência temporal entre o evento pontual descrito na subordinada e a situação durativa descrita na subordinante.

O modo que ocorre obrigatoriamente na frase adverbial é o Indicativo, tipicamente no Pretérito Perfeito Simples (doravante PPS) (cf. ex. (1)), mas também no Presente (cf. (6) e (7)). Quando ocorre o Presente na subordinada, combinado com predicadores estativos ou de actividades, verifica-se o fenómeno de comutação aspectual<sup>7</sup> já acima mencionado: a leitura activada é a de início de estado ou de actividade, como (6) e (7) ilustram de forma cabal. A situação descrita pela subordinada passa então a ser interpretada como um evento pontual (um *achievement*), correspondente ao início do estado ou da actividade relevante, e essa fronteira inicial é localizada na esfera do passado, como atestam as paráfrases que se seguem de (6) e (7), com o verbo no PPS:

(6 a) “Desde que começou a haver quatro canais de televisão, custa muito convencer alguém a ir à rádio”.

(7 a) “Pelo menos 25 pessoas morreram desde que há cinco dias uma vaga de frio começou a varrer (...) o distrito de Puno”.

Na subordinante ocorre igualmente o modo Indicativo, sendo o tempo mais usado o PPS e havendo tipicamente concordância temporal entre os dois membros da construção. Mas detectámos também formas de Presente (cf. ex. (6)) e de Pretérito Perfeito Composto, como se ilustra em (9):

---

<sup>7</sup> Utilizo a expressão ‘comutação aspectual’ na acepção de Moens 1987.

(9) “A escassa centena de “tifosi” da Lazio tem estado sob vigilância desde que chegou à cidade”.

Analisámos até aqui (i) as possibilidades de combinação das frases subordinadas temporais introduzidas por *desde que* com distintas classes de *aktionsart*; (ii) o valor de *aktionsart* das proposições introduzidas pelo conector; (iii) os tempos verbais do modo Indicativo que ocorrem nestas construções.

Mas uma caracterização semântica destas construções não se esgota aqui. Assim, parece-me relevante acrescentar que, nestas construções, as duas predicacões conectadas denotam sempre entidades de segunda ordem (cf. Hengeveld 1998, que retoma Lyons 1977), ou seja, objectos extensionais, representações de situações do mundo sociofísico. Neste sentido, podemos afirmar que é no domínio do conteúdo (cf. Sweetser 1990) que a interpretação destas construções se processa. Tais objectos extensionais mantêm entre si uma relação de estreita dependência temporal, já que a frase adverbial circunscreve o intervalo de localização da entidade localizada. Expressa-se uma relação de sobreposição entre a entidade localizada e o intervalo de localização<sup>8</sup>, sendo de realçar o facto de a adverbial introduzida por *desde* configurar e delimitar a fronteira inicial do intervalo de tempo em que se inscreve a situação representada na subordinante.

Note-se que o valor de verdade da subordinante pode ser computado independentemente do significado expresso pela subordinada, mas o valor de verdade da proposição complexa depende, naturalmente, da verificação da relação de delimitação temporal expressa pelo conector.

A modalidade que regula a asserção, nestas construções, é a modalidade factual, marcada pela ocorrência do modo Indicativo: as situações são descritas como reais.

Nestas construções, *desde que* é sempre substituível por *a partir do momento em que*.

---

<sup>8</sup> Para as diferentes leituras desta relação de sobreposição, cf. Mória (1995).

## 2 – Valor condicional

Como a seguir se verá, *desde que* permite introduzir, em PEC, dois tipos de condicionais: condicionais hipotéticas, com interpretação bicondicional, em que o antecedente especifica a condição que implica e garante a ocorrência da situação expressa no consequente, e condicionais para actos de fala, onde o antecedente circunscreve a condição que torna relevante o acto ilocutório expresso no consequente. Começemos pela análise do primeiro subconjunto, que designarei de condicionais canónicas.

### 2.1 – Condicionais canónicas

Vejam-se os exemplos (10) a (13):

(10) “O PP aceita esta proposta *desde que* não seja desvirtuado o espírito inicial do encontro”.

(11) “Vale tudo... *desde que* dê dinheiro”.

(12) “Não me importo de sair daqui, *desde que* me dêem uma casa para morar”.

(13) “Plano afectivo: As relações tendem a ser harmoniosas e estáveis *desde que* não apresente ou provoque oscilações comportamentais”.

Substituível por *se e só se*, *mas só/ apenas se*, *mas só no caso de*, e também, curiosamente, *a partir do momento em que*, o conector *desde que* introduz, nestes exemplos, uma frase subordinada adverbial que expressa umnexo condicional. De forma mais rigorosa, estamos perante construções bicondicionais (cf. Peres et al. 1999), já que se verifica uma relação de dupla implicação ( $p \leftrightarrow q$ ) entre antecedente e consequente. Por outras palavras, o antecedente prefaciado por *desde que* é interpretado como condição suficiente e necessária para o consequente. Assim, a negação do antecedente implica a negação do consequente ( $\sim p \rightarrow \sim q$ ).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Em Português, *desde que*, em contextos de leitura condicional, codifica a instrução de condição necessária, o que não acontece com o conector condicional prototípico *se*. A leitura bicondicional que



O que desde logo distingue estas construções das anteriores é o facto de a frase introduzida por *desde que* ter o verbo obrigatoriamente no Conjuntivo (Presente ou Imperfeito).

Vejamos qual o comportamento sintáctico destas adverbiais com leitura condicional. A aplicação da bateria de testes já utilizados anteriormente mostra-nos que têm um comportamento distinto do das adverbiais com leitura temporal. Assim, resistem às construções de clivagem (10 a) e ao escopo da negação de foco (10b):

(10 a) ??/\*É *desde que* não seja desvirtuado o espírito do encontro que o PP aceita a proposta.

(10 b) ??/\* O PP *não* aceita a proposta *desde que não seja desvirtuado o espírito do encontro* (Aceita-a *desde que* o governo dê garantias de transparência na condução do processo).

Quanto aos restantes testes - possibilidade de funcionarem como resposta a interrogativas-Q (10c) e ocorrência em interrogativas alternativas (10d) -, a aceitabilidade é francamente maior:

(10 c) - Em que circunstâncias/condições é que o PP aceita a proposta?

-? *Desde que* não seja desvirtuado o espírito do encontro.

(10 d) O PP aceita a proposta *desde que* não seja desvirtuado o espírito do encontro ou *desde que* o governo dê garantias de transparência na condução do processo?

Quanto à anáfora frásica (10e) e à ocorrência com advérbios focalizadores (10f), verifica-se plena compatibilidade:

(10 e) O PP aceita a proposta *desde que* ISSO seja do interesse do país.

(10 f) O PP só aceita a proposta *desde que* não seja desvirtuado o espírito do encontro.

---

frequentemente é activada por construções do tipo *se p, q* pode ser explicada em termos de implicatura conversacional: sendo *p* a única condição mencionada, implica-se por defeito, no quadro das máximas griceanas da Quantidade e da Relevância, que é a única condição, e que, portanto, é uma condição suficiente e necessária.

Embora não concludente, o comportamento revelado pelos testes, nomeadamente pelos dois primeiros, aproxima estas frases condicionais das adverbiais de frase ('externas' ou 'periféricas', segundo outras terminologias). Ou seja, em termos de constituição, estas frases subordinadas parecem ter um menor grau de integração sintáctica na frase matriz. A confrontação entre temporais e condicionais parece, pois, apontar para a pertinência de um entendimento escalar do conceito de subordinação, questão já razoavelmente debatida, sobretudo no âmbito da sintaxe.

Os dados do corpus apontam maioritariamente para a presença de uma pausa ou quebra entonacional entre a subordinante e a subordinada, marcada na escrita pela vírgula (ou por reticências), propriedade característica das adverbiais de frase, sinalizada por diversos autores (e.o., Kortmann 1996). No entanto, há também exemplos no corpus em que a vírgula não ocorre. Ou seja, também aqui os dados não permitem extrair conclusões indiscutíveis.

As subordinadas condicionais introduzidas por *desde que*, no nosso corpus, ocorrem sempre depois da subordinante e funcionam discursivamente como um "postscript" que restringe a posteriori o significado da subordinante.<sup>10</sup> Sendo a posposição uma posição marcada, nas construções condicionais, podemos inferir que se trata de uma estratégia sintáctica de marcação da informação remática que constitui o foco do enunciado.

Vejamos agora alguns aspectos semânticos destas construções. As restrições aspectuais apresentadas para as construções com *desde que* com valor temporal não se aplicam a *desde que* com valor condicional: os dados atestam a possibilidade de combinação das frases subordinadas condicionais com todas as classes de *aktionsart*, como atestam os exemplos seguintes<sup>11</sup>:

(14) "O aborto seria autorizado, desde que fosse a própria mãe a pedi-lo."

---

<sup>10</sup> Um *corpus* mais alargado facultar-nos-ia certamente evidência empírica da possibilidade de ocorrência deste tipo de subordinadas em posição inicial.

<sup>11</sup> Nos exemplos, destacam-se em itálico as predicções que ilustram diferentes classes de *aktionsart*.

(15) “(...) o deputado declara aceitar o regulamento interno da sua bancada, desde que a possibilidade, os pressupostos e o modo de determinação dos descontos se encontrem previstos nas normas vigentes.”

(16) *Ele escreveria/escrevia um romance* desde que soubesse que seria publicado.

(17) *A Ana trabalhará com afinco* desde que lhe garantam um bom salário.

Em (14), a subordinada condicional combina-se com uma descrição de estado, em (15), com uma descrição de *achievement* (sendo *declara* o verbo relevante para a identificação da classe aspectual mencionada); em (16) e (17), exemplos construídos, a subordinada combina-se com uma descrição de *accomplishment* e de actividade, respectivamente.

Quanto ao valor de *aktionsart* da própria subordinada condicional, verificamos que não se circunscreve de todo à descrição de eventos pontuais, podendo representar todos os tipos de situações.

O traço que de forma mais óbvia distingue estas construções com interpretação condicional das anteriores é, como acima se sublinhou, a ocorrência do modo Conjuntivo na subordinada. No entanto, outros elementos parecem convergir para a activação da leitura condicional, nomeadamente a ocorrência dos verbos modais *dever* e *poder* na subordinante. Vejam-se os exemplos (18) a (20):

(18) “Um documento citado pela agência Lusa diz que até agora tem sido possível garantir o abastecimento de água sem quaisquer restrições e tal situação *poderá* manter-se, *desde que* todos contribuam poupando a água (...)”.

(19) “Isto *poderia* jogar a favor do reforço da eficácia da política de estabilidade do escudo, *desde que* se preservasse a confiança e se jogasse com as expectativas”.

(20) “(...) a supervisão (...) *deve* ser concertada entre a CMVM e o Banco de Portugal, *desde que* as responsabilidades de cada entidade fiquem devidamente especificadas e equitativamente distribuídas”.

Construções deste tipo envolvem tipicamente uma orientação para a esfera do futuro: a situação representada na subordinante verificar-se-á a partir do momento em que a condição se cumpra<sup>12</sup>. A localização na esfera do futuro das situações descritas na subordinante pode ser sinalizada pela ocorrência de uma forma de Futuro do Indicativo, como a seguir se atesta:

(21) "(...) um jogador que aproveite a desatenção de um árbitro para dar um murro no adversário *será* disciplinarmente punido, *desde que* essas imagens sejam gravadas em vídeo".

Porém, são frequentes no corpus construções similares às que atestam os exemplos (22) e (23):

(22) "(Chirac foi a Washington dizer que) o seu país está disposto a regressar às estruturas militares da aliança, *desde que* seja para impulsionar uma reforma que corresponda a dois objectivos: (...)".

(23) "O PCP (...) está disponível para dialogar com todos os partidos da oposição, *desde que* em tais encontros não sejam postos em causa os princípios deste partido (...)".

Nestes casos, ocorre na subordinante uma expressão predicativa de natureza adjectival que subcategoriza um complemento de natureza frásica introduzido por uma preposição: (*estar*) *disposto a* +INF/ (*estar*) *disponível para* +INF. Ora esta completiva infinitiva tem uma leitura de futuro, dada a semântica do predicador adjectival: *disposto* e *disponível* são adjectivos psicológicos não epistémicos, que projectam a situação descrita pela infinitiva com que se combinam num intervalo de tempo futuro relativamente à localização do estado que denotam. Note-se que seria possível substituir a expressão predicativa

---

<sup>12</sup> Há um único exemplo no corpus em que não se verifica esta projecção das situações descritas na esfera do futuro: (i) "Estes debates seguiam sempre o mesmo modelo: um painel de convidados (...) que discutiam um tema, ao que se seguia uma troca de ideias com os presentes (*desde que* os trabalhos não estivessem muito atrasados...)". Neste caso, referem-se situações habituais localizadas na esfera do passado. A condicional mantém o seu valor de especificação da condição necessária e suficiente para a actualização da situação descrita no consequente.

complexa pelo verbo que ocorre na completiva adjectival flexionado no Futuro, sem alterar o valor semântico da construção: *está disposto a regressar = regressará, está disponível para dialogar = dialogará*.

Importa ainda sublinhar que, mesmo quando o tempo verbal da subordinante é o Presente do Indicativo, a sua interpretação, em termos de localização temporal, é tipicamente uma interpretação de futuro, como ilustram os exemplos (10), (12) e (13). Sendo o futuro o tempo linguístico da modalidade não factual, facilmente se entende a sua compatibilidade semântica com o Conjuntivo: as construções condicionais com *desde que* representam situações de um mundo possível, criado pelo próprio enunciado e no qual, dado o antecedente, se verifica necessariamente o consequente. Quanto a (11), o Presente na subordinante é o Presente atemporal típico das frases genéricas, também ele compatível com o Conjuntivo dado que não exprime localização temporal episódica.

Retomando Hengeveld (1998), diremos que as condicionais que temos vindo a analisar denotam tipicamente entidades de terceira ordem, objectos intensionais, correspondentes a conjecturas ou suposições.<sup>13</sup> A subordinada descreve a condição necessária e suficiente da qual depende, na perspectiva do falante, a verificação do conteúdo proposicional da subordinante. Podemos, pois, dizer que tal condição (que pode ou não vir a realizar-se no futuro - daí a inclusão destas construções na classe das condicionais hipotéticas, em Mateus et al. 2003) é apresentada como susceptível de garantir, por si só, a ocorrência da situação expressa no consequente.

O corpus oferece-nos exemplos de ocorrência, na subordinada, de formas de Presente e Imperfeito do Conjuntivo, e, na subordinante, de formas de Presente do Indicativo, Futuro do Indicativo e Condicional, comutável por Imperfeito do Indicativo.<sup>14</sup> O nexos se-

---

<sup>13</sup> A ocorrência dos verbos modais *poder* e *dever*, na subordinante, evidencia o estatuto intensional da entidade por ela denotada. Assinale-se que, em publicação posterior a 1997, Lyons prefere usar a expressão “second order intensional” para o que previamente designava de “third order” (*apud* Hengeveld 1998).

<sup>14</sup> Embora sem atestação no corpus, julgo perfeitamente possível em PEC a ocorrência do Mais-que-Perfeito do Conjuntivo na subordinada condicional introduzida por *desde que*, o que implica a ocorrência do Condicional Composto na subordinante: (i) *Teria dado todas as informações, desde que ele mas tivesse pedido*. Neste caso, é activada uma leitura contrafactual.

mântico de condição suficiente e necessária é idêntico em todos os exemplos, sendo a alteração dos tempos responsável pela expressão de diferentes graus de probabilidade: nas frases subordinadas em que ocorre o Imperfeito do Conjuntivo, o conteúdo proposicional é assumido pelo falante como menos provável. É, pois, ao nível da modalização epistémica que se reflecte a selecção de tempos distintos do Conjuntivo na subordinada.

Como afirma Ferguson (1986:3), “Conditional constructions (...) directly reflect the characteristically human ability to *reason* about alternative situations, to *make inferences* based on incomplete information, to *imagine* possible correlations between situations, and to understand how the world would change if certain correlations were different [itálicos nossos].” Ao expressarem uma consequência que necessariamente se deduz a partir do momento em que se assume a verdade da condição expressa no antecedente, as construções condicionais que temos vindo a analisar inscrevem-se no domínio epistémico da significação, entendido, de acordo com Sweetser 1990, como domínio que configura ou modeliza a representação das inferências típicas dos raciocínios humanos.

## 2.2 – Condicionais para actos de fala

Embora não tenha encontrado exemplos no corpus (provavelmente por se tratar de um corpus de imprensa escrita), recorrendo à minha intuição de falante nativa julgo perfeitamente aceitáveis enunciados como os que se ilustram em (24) e (25):

(24) Prometo visitar-te, *desde que* prendas o cão.

(25) Traz a encomenda, *desde que* não seja demasiado pesada.

Trata-se de casos em que a frase com a qual se articula a condicional expressa um acto ilocutório não assertivo. Há sempre uma pausa entoacional obrigatória entre os dois membros da construção e o sujeito do primeiro membro é ou a 1ª ou a 2ª pessoa. Sintacticamente, estas subordinadas parecem ainda mais periféricas do que as que analisámos anteriormente, como se prova pela aplicação dos testes:

(24 a) \*É *desde que* prendas o cão que prometo visitar-te.

(24 b) \*Não prometo visitar-te *desde que* prendas o cão, mas *desde que* me convides.

(24 c) ?? – Em que condições/circunstâncias prometo visitar-te?

?? - Desde que prendas o cão.<sup>15</sup>

(24 d) \*Prometo visitar-te *desde que* prendas o cão ou *desde que* me convides?

No entanto, a aplicação do teste que envolve a formulação de uma interrogativa-Q parece aceitável:

(24 d) Em que condições/circunstâncias prometes visitar-me?

Exemplos deste tipo ilustram claramente que a modificação condicional pode operar ao nível daquilo que Hengeveld (1998) designa de entidades de quarta ordem, os actos ilocutórios. Ou seja, a oração introduzida por *desde que* modifica o *dizer* e não o dito, funcionando de novo como um “postscript” ou um “afterthought” que restringe a posteriori, neste caso, a validade ou as condições de aplicabilidade do acto ilocutório vazado no primeiro membro da construção.

No exemplo (24), o falante promete algo e seguidamente acrescenta ou especifica as circunstâncias que devem estar reunidas para que a promessa possa ser cumprida. O exemplo (25) corresponde a uma injunção condicional: a subordinada especifica a condição que deve presidir ao cumprimento da ordem, restringindo assim a validade do acto directivo.

Nestes contextos, parece menos aceitável a comutação entre *desde que* e *a partir do momento em que*. A paráfrase mais aceitável envolve uma construção coordenada - *mas só se p* (“Prometo visitar-se, mas só se prenderes o cão”), o que acentua o carácter mais periférico do “afterthought”. Os exemplos parecem ilustrar a fronteira entre gramática e discurso.

---

<sup>15</sup> Neste caso, é o par pergunta/resposta que é inaceitável.

### 3 – A polissemia do conector: para um tratamento integrado

A possibilidade de uma mesma expressão – *a partir do momento em que* – poder parafrasear o conector *desde que* nos contextos de leitura temporal e na maior parte dos contextos de leitura condicional levanta uma questão interessante, que se prende com a afinidade semântica e/ou conceptual entre o domínio do tempo e o domínio da condicionalidade. Como se explica que um conector cujo valor básico é temporal<sup>16</sup> tenha sofrido um processo de extensão semântica que se traduziu na incorporação de um novo significado ou valor de natureza condicional? Numa perspectiva diacrónica, e partindo do estudo de Fiéis & Lobo (2007), julgo que é possível encontrar algumas pistas que permitem avançar uma explicação.

De acordo com as autoras, no português medieval, a ocorrência do Conjuntivo na oração introduzida por *des* (equivalente ao actual *desde*) dá muitas vezes origem a enunciados ambíguos, que licenciam quer a leitura temporal, quer a leitura condicional. Considero que se trata de contextos de transição, em que se sobrepõem duas leituras possíveis, sem que uma delas anule a outra. Vejamos alguns exemplos facultados por Fiéis & Lobo e extraídos do Corpus Informatizado do Português Medieval [CIPM] e do Corpus Histórico do Português Tycho-Brahe [TB]:

(26) Costume he dos com~edeiros que deu~e dar os hom~ees a dereito, des que lho pidir~e [CIPM- 1350 ca CS4]

(27) Costume h(e) dos almotaçees q(ue) deue~ a leuar de cóomha des q(ue) almotaçare~ pescado. ou viõ. ou c(ar)ne. ou pa~.(...)[CIPM-1331-13477 CS3]

(28) Costume he de toda-las barcas grandes do aliariffe que des que deitar a rrede no rrio que nõ deue outra barca deitar aliariffe, atráa que que aqulea primeira nõ tire. [CIPM- 1350 ca CS4]

---

<sup>16</sup> O uso de *desde que* em construções claramente condicionais tem atestação tardia, de acordo com o estudo diacrónico de Fiéis & Lobo (2007).



(29) costume é que quen enquisa nomear & lhj diser a outra parte ca metera outra en seu logo que no~ posa ja outra dizer des que nomear as duas. [CIPM- 1294 CS1]

(30) E des que todos fezerem seu vynho no lagar, e alugaren a alguen que faça en el seu vynho no lagar, deuen me dar a quarta parte do que ganhar esse lagar. [CIPM-1325 CDA1-20]

(31) E, des que o monteyro vir que seu can lhe anda bem na treella, aguarde tempo que boo seja pêra começar a fazê-llo. [CIPM-s.14 LM]

(32) muito mais pouco o poderees fazer des que tall poder nam tiverdes [CIPM – s. 15 CD]12]

(33) Oo senhor no~ alongues de my~tua ajuda mais abaixa a my~a tua orelha da tua misericórdia ca des que eu prove e mingado receber o teu corpo precioso logo serey farto. [CIPM- s.13-14 VS4].

Nestes exemplos, *des que* parece ser parafraseável indistintamente por *a partir do momento em que* e *se*. Ou seja, a leitura temporal de delimitação de fronteira inicial de uma situação localizada na esfera do futuro não é incompatível com a leitura condicional. Segundo o estudo das autoras citadas, o futuro do conjuntivo, muito frequente nestas orações no Português, até ao séc. XV, desaparece a partir do séc. XVI. No séc. XIX, o uso de *desde que* com valor claramente condicional impõe-se e aumenta a frequência do presente do conjuntivo em orações subordinadas introduzidas pelo conector em apreço, como se atesta em (34):

(34) Dar-te-ei, se quiseres, artigos críticos ou históricos, desde que marques o formato e número de páginas disponíveis [TB, Eça de Queirós 1845]

Por outras palavras, a partir do séc. XIX parece estar já convencionalizado o novo significado, sendo a única constricção para o seu uso a presença do modo conjuntivo na subordinada.

Continuando a citar as autoras, as constrações contextuais que nos textos mais antigos potenciam a leitura condicional de *desde que* são: (i) a ocorrência do modo conjuntivo na subordinada, (ii) a ocorrência dos verbos modais *dever* e *poder* na subordinante e (iii) o tempo futuro na oração subordinante. Um outro elemento contextual que me parece relevante é a ocorrência de uma forma de Conjuntivo na subordinante (ex. 31), que funciona como forma supletiva do Imperativo. Sublinhe-se a afinidade entre os valores deônticos dos verbos modais que ocorrem nas subordinantes dos exemplos em apreço e o valor injuntivo acabado de referir.

Importa evidenciar que os enunciados ambíguos apresentados pelas autoras são tipicamente enunciados que activam uma leitura genérica, ou seja, enunciados que não descrevem situações episódicas, espaço-temporalmente localizadas, antes expressam normas consuetudinárias e regras de comportamento (exs. 26 a 31) ou apenas correlações regulares entre situações potenciais (exs. 32 e 33), parafraseáveis, respectivamente, por '*deve fazer-se q a partir do momento em que p se verificar*' ou '*q ocorrerá a partir do momento em que p se verificar*'. No que ao primeiro conjunto de exemplos diz respeito, julgo que estamos perante enunciados genéricos de carácter normativo ("law-like"), nos quais a subordinada introduzida por *des/desde* circunscreve as ocasiões que devem balizar o cumprimento do que se enuncia como uma obrigação; assim, é possível interpretar estes enunciados como expressão de "obrigações condicionadas", ou seja, obrigações a cumprir em certas ocasiões ou quando se verificarem determinadas condições; já em (32) e (33), expressa-se uma conexão temporal genérica entre situações.

A meu ver, os exemplos em apreço ilustram contextos-chave de transição entre a leitura temporal e a leitura condicional do conector. De facto, a quantificação sobre situações que uma interpretação genérica envolve tem uma força modal, o que gera uma afinidade com a semântica das condicionais<sup>17</sup>. Daí a sobreposição de leituras ou a afirmação de que se trata de enunciados ambíguos. No caso dos

---

<sup>17</sup> Pense-se, nomeadamente, nas condicionais genéricas, suficientemente maleáveis para resistirem a contra-exemplos. Sobre a semântica destas condicionais, veja-se Lopes & Santos (1993) e bibliografia aí incluída.

enunciados genéricos de carácter normativo que integram o nosso corpus, a interpretação permite facilmente a substituição de *desde que* por *quando*, *sempre que* ou *se*: (em circunstâncias normais) *desde que/quando/sempre que/se p, !q*<sup>18</sup>. No caso dos enunciados genéricos descritivos, sendo a sua estrutura semântica de natureza igualmente quantificacional e modal, verifica-se idêntica afinidade com as condicionais (*desde que/quando/sempre/se p, q*).

Assim, parece plausível afirmar que a expressão de uma correlação temporal regular entre situações, sendo uma delas (*p*) termo *a quo* do intervalo em que se localiza a outra (*q*), convida a inferir que *p* é uma condição *sine qua non* para a ocorrência ou a actualização de *q*. Considero, pois, que a “leitura” condicional que se sobrepõe à leitura temporal corresponde a uma inferência pragmática por defeito, ou uma implicatura conversacional generalizada, na acepção de Levinson (2000), associada ao tipo de construções em apreço. Potenciada pela estrutura semântica dos enunciados e correspondendo a uma interpretação preferencial, não deixa de ser uma implicatura, na medida em que (i) pode ser anulada ou cancelada por informação adicional e (ii) é licenciada por princípios heurísticos de natureza pragmática. No caso vertente, a heurística que permite enriquecer a interpretação parece-me ser o princípio de informatividade (“I-principle”, na proposta de Levinson 2000: 114-115), que resulta de uma reformulação da segunda máxima griceana da Quantidade: “Say as little as necessary.” Do ponto de vista do interlocutor, o corolário será: “Amplify the informational content of the speaker’s utterance”<sup>19</sup>.

Voltando às constricções contextuais evidenciadas pelos exemplos (26) a (33), verificamos que todas elas convergem no sentido de potenciar a expressão de entidades não extensionais: com efeito, modo conjuntivo, tempo futuro, modalização deôntica são recursos linguísticos que permitem tipicamente a representação de entidades intensionais, não factuais, logo não localizáveis num tempo e num espaço específicos. Num contexto linguístico deste tipo, uma inferência condicional é plenamente legitimada. Neste sentido, julgo

---

<sup>18</sup> O sinal ! representa o valor ilocutório directivo da subordinante.

<sup>19</sup> O mesmo princípio aparece em Horn (1984) “Say/write no more than you must, and mean more thereby.”

absolutamente pertinente a afirmação de Traugott (2002: 81), segundo a qual “the remarkably high incidence of redundancy or at least semantic harmony in the contexts of semantic change can be seen as the textual locus of experimentation by SP/W with the possibilities of invited inferencing.”

A minha hipótese é a de que a inferência activada por *desde que* nos contextos acima mencionados se terá convencionalizado, dando origem a um novo significado codificado do conector, o de marcação de condição (necessária e suficiente)<sup>20</sup>. Ou seja, a inferência condicional ter-se-á semantizado, passando o conector a ser polissémico, o que poderá representar-se esquematicamente do seguinte modo:

*Desde que* (temporal) + inferência condicional (contextos genéricos) > desde que<sub>1</sub> (temporal), desde que<sub>2</sub> (condicional)

Assim, o conector que começa por marcar a fronteira inicial no domínio do tempo – ou seja, o momento a partir do qual uma situação factual se verificou – passa a sinalizar a condição ou circunstância (que se enuncia e assume como) necessária e suficiente para que algo se verifique: num primeiro momento em contextos restritos, ou seja, em contextos de interpretação genérica da construção *q desde que p* (e em sobreposição com uma leitura temporal), num segundo momento em todos os contextos de ocorrência de formas de conjuntivo na oração condicional e já sem qualquer valor temporal.

A hipótese de convencionalização de uma inferência permite explicar a mudança semântica, compatibilizando-se harmoniosamente com a assunção inicial de que as extensões semânticas de um item envolvem zonas de sobreposição que configuram um *continuum*.

Acrescente-se finalmente que há algumas afinidades entre os dois valores do conector *desde que*. Na verdade, no seu uso temporal, o conector, como vimos, marca um *terminus a quo*. Ora uma fronteira inicial é parte integrante do intervalo de tempo ocupado pela situação episódica descrita na oração principal: tal situação não

---

<sup>20</sup> Em Traugott & Dasher (2002), descreve-se um processo similar de semantização de inferências na evolução histórica do conector inglês “as long as”.

existe independentemente da sua fronteira inicial, ou, noutros termos, fronteira e situação implicam-se mutuamente. Por analogia, podemos afirmar que nas construções condicionais que envolvem o conector *desde que* a situação descrita na subordinante é uma consequência deduzida pelo falante (*q*) e não existe independentemente da verificação da condição (*p*) prefaciada pelo conector: *p* e *q* implicam-se mutuamente, o que corresponde justamente à interpretação das bicondicionais.

#### 4 – Considerações finais

Em Kortmann (1997), apresenta-se uma rede de afinidades semânticas baseada no estudo de conectores polifuncionais num conjunto alargado de línguas da Europa e verifica-se que valores temporais básicos deram origem a valores causais-condicionais-concessivos, de forma unidireccional.

Os conectores de valor temporal que também expressam valores condicionais são tipicamente os que sinalizam simultaneidade ou sobreposição; os que sinalizam *terminus a quo* normalmente sinalizam também causa (é o que acontece, por exemplo, com *since*, em inglês). Os dados do Português contemporâneo relativos a *desde* não parecem validar em absoluto esta proposta, dado que não há, em sincronia, leituras causais das orações subordinadas introduzidas por *desde*.<sup>21</sup> Assim, embora confirmem a tendência unidireccional apontada por Kortmann (um percurso que parte de um nexos temporal para nexos de causa-condição-concessão), os dados do Português mostram que a extensão semântica de um marcador de *terminus a quo* no domínio temporal não desemboca necessariamente num valor causal: o valor condicional pode afirmar-se como elo final do processo de extensão. Mas apesar da singularidade do percurso de *desde que*, não podemos deixar de sublinhar as afinidades entre condição e causa: como afirma Óscar Lopes, “uma *condição suficiente real* (ou, melhor dizendo, *realizada*) constitui uma *causa*” (1971: 29).

---

<sup>21</sup> No entanto, de acordo com Lobo & Fiéis, o uso explicativo das orações introduzidas por *des(de)* que encontra-se atestado em fases anteriores da língua.

## REFERÊNCIAS

- Costa, J. 2008. *O advérbio em Português europeu*. Lisboa: Colibri.
- Ferguson, C. et al. 1986. "Overview". In E. Traugott et al. *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 3-20.
- Fiéis, A.; Lobo, M. 2007. "As orações introduzidas por des(de) que na história do português". In: *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. APL/Colibri, 167-178.
- Hengeveld, K. 1998. "Adverbial clauses in the languages of Europe". In: J.van der Auwera (ed.) *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 335-419.
- Horn, L.R. 1984. "Toward a new taxonomy for pragmatic inference: Q- and R-based implicature". In D. Schiffrin (ed.) *Meaning, form, and use in context*. Washington,DC: Georgetown University Press, 11-42.
- Kortmann, B. 1996. *Adverbial subordination. A typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Levinson, S. 2000. *Presumptive meanings*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Lobo, M. 2003. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do Português*. Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Lopes, O. 1971. *Gramática simbólica do Português*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica.
- Lopes, A.C.M. ; Santos, P. 1993. A condicionalidade das frases genéricas. *Cadernos de Semântica*, 17. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mateus, M. H. M et al. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed., revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- Moens, M. 1987. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. PhD. Diss. University of Edinburgh.
- Móia, T. 1995. Aspectos da semântica das expressões temporais com Desde e Até. Questões de Aktionsart. In: *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 341-358.
- Peres, J.; Mascarenhas, S. 2006. Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5(1): 113-169.
- Peres J. et al. 1999. Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português. In I.H.Faria (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Ed. Cosmos/FLUL, 627-653.
- Traugott, E. C.; König, E. 1991. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In E. Traugott & B. Heine (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, vol.1, 189-218.
- Traugott, E. C.; Dasher, R. 2008. *Regularity in semantic change*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Sweetser, E. 1990. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vendler, Z. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press.